

In Memoriam de Giulia Lanciani

É para mim muito difícil cingir num breve texto o papel que Giulia Lanciani teve na Lusitanística italiana. Difícil e doloroso porque a tristeza pelo seu falecimento é ainda muito intensa e não me é possível recordá-la concentrando-me, apenas, no seu extraordinário magistério científico, sem falar também nos 25 anos de amizade e afeto que sedimentaram a minha relação com um mestre, entre cujos alunos me incluo com grande honra. Poderei limitar-me a elencar os reconhecimentos prestigiosos, que atestam a relevância dos seus estudos, e o apreço generalizado com o qual os seus trabalhos foram recebidos em Itália e no mundo. Assim, e correndo o risco de não os mencionar todos, recordo os títulos de Doutor *honoris causa* que a Universidade Nova de Lisboa e a Universidade Clássica de Lisboa lhe atribuíram, respetivamente em 2003 e 2011, a nomeação como Académico de Honra da Real Academia Galega (2014) e, obviamente, a honorificência de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique, com a qual o Presidente da República Portuguesa reconheceu a excecionalidade de uma vida dedicada ao estudo da história e da cultura portuguesa e lusófona.

O contributo de Giulia Lanciani para a Lusitanística abarca, de facto, a inteira história da literatura portuguesa, num arco temporal que idealmente vai de Fernão Velho e chega até Manuel Alegre. Recordo ainda a última lição que Giulia deu, na Universidade de Roma Tre, a 12 de Maio de 2010, na qual longe de querer traçar um balanço conclusivo (qualquer coisa que, neste momento, sinto ser profundamente injusto no seu caso), afirmou o seu “desejo de perseverar «diabolicamente» numa intenção, não já movida pela *libido sciendi* – a erudição por si própria – mas sim por uma espécie de *libido delectandi*, investigação pura e desinteressada (masoquista?) e para mim exultante do autêntico pelo autêntico”.

É este o grande ensinamento desta estudiosa, aquilo que todos os seus alunos podem regozijar-se de ter aprendido: a capacidade de amalgamar o amor pela investigação, o entusiasmo incansável e o rigor filológico. Uma amálgama que se torna evidente para todos os que leram os seus numerosos estudos que se debruçam sobre a lírica galego-portuguesa, nos quais Giulia propôs o restauro textual, enfrentou questões metodológicas intrincadas, sem nunca se eximir da reconstrução das relações culturais e dos ambientes que estimularam os mesmos textos. De entre uma bibliografia tão vasta, limito-me a recordar o monumental *Dicionário da Literatura Medieval Galega e*

Portuguesa (Lisboa, 1993), organizado com o inseparável Professor Giuseppe Tavani, e os artigos reunidos no volume *La meccanica dell'errore* (Roma, 2010).

A formação filológica desta estudiosa constata-se, para além disso, no rigor obstinado e na fidelidade inabalável ao texto que caracterizam cada trabalho seu, independentemente dos autores e dos séculos aos quais dedicou, ao longo do tempo, o seu interesse. A atenção ao carácter dinâmico da construção textual revela-se nos vários trabalhos enquadrados no âmbito da genética literária contemporânea: as edições e estudos dedicados às fases preparatórias das obras de Manuel Bandeira, Carlos de Oliveira e Fernando Pessoa que confirmam, mais uma vez, o seu desejo incessante em explorar os novos horizontes de uma disciplina antiga.

A exigência férrea em não transcurar a reconstrução do quadro histórico, de ancorar as obras no seu tempo e lugar, retorna nos seus trabalhos dedicados ao inevitável século XVI português. Um século de Quinhentos, aquele reconstruído por Giulia nos seus estudos, no qual, sem esquecer o forte apelo camoniano, se destaca a atenção dada a António Ribeiro Chiado – autor caro a Giulia que inaugura a sua bibliografia lusitanista com a edição crítica do *Auto das Regateiras* (Roma, 1970). Um século de Quinhentos que Giulia Lanciani, com mestria, soube indagar na sua versão menor, o avesso negativo de um Portugal gloriosamente imperial. Sob esta perspetiva, atenta a tudo o que de interessante uma literatura tudo menos celebrativa produziu, destacam-se o incontornável *Tempeste e naufragi sulla via delle Indie* (Roma, 1991) e muitos artigos e ensaios dedicados aos relatos portugueses de naufrágios.

Nesta breve, e inevitavelmente parcial e incompleta recordação de Giulia Lanciani, não posso ignorar os vários trabalhos de tradutologia literária e sobretudo as numerosas traduções de poetas como Manuel Alegre, Eugénio de Andrade, Sophia de Mello Breyner Andresen, Ruy Belo, Gastão Cruz, Nuno Júdice, Teresa Rita Lopes, Vasco Graça Moura, Carlos de Oliveira, Fernando Pessoa, Pedro Tamen, e de prosadores tão amados como José Saramago (a quem Giulia dedicou a Cátedra instituída pelo Instituto Camões na Universidade de Roma Tre) e dos autores brasileiros João Guimarães Rosa e Jorge Amado. Grande parte da melhor literatura portuguesa e brasileira do século XX, indubitavelmente, hoje fala com a voz de uma tradutora refinada que Manuel Alegre definiu «embaixadora de poesia».

Não posso deixar, finalmente, de lembrar também os instrumentos didáticos preciosos e utilíssimos na sala de aula que Giulia nos deixou: a *Grammatica portoghese* (Milano, 1993), em colaboração com Giuseppe Tavani, e *Il profilo di storia linguistica*

e letteraria del Portogallo (Roma, 1999) – este último completado com os volumes *Il Settecento e l'Ottocento in Portogallo* (Roma, 2014) e *Il Novecento in Portogallo* (Roma, 2014), ambos organizados por Giulia Lanciani mas com os contributos de outros estudiosos.

Ao terminar esta recordação, apercebo-me de ter, ao fim e ao cabo, elencado apenas os principais reconhecimentos que lhe foram outorgados, acompanhando-os de um número incompleto de publicações e estudos que os justificam. Não era esta a minha intenção, gostaria de ter ido mais longe e, talvez, para recordar Giulia Lanciani da forma que mais a faria feliz teria bastado transcrever os nomes de tantos, tantíssimos, alunos que cresceram na senda do seu magistério e que hoje lamentam o seu falecimento.

Giorgio de Marchis